



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

CULTURAS JUVENIS E ESCOLARIZAÇÃO EM TEMPOS DE CONECTIVIDADES MÚLTIPLAS... OU QUANDO JOVENS "ENSINAM" COISAS SOBRE AS JUVENTUDES NO YOUTUBE

JOSÉ LEANDRO FERNANDES DOS SANTOS

CARLOS JORGE DA SILVA CORREIA

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

Resumo: Neste trabalho, são apresentados resultados preliminares de uma proposta de atividade pedagógica de uso do YouTube para estimular a criação e disseminação de vídeos sobre temas importantes para a juventude feitos por jovens alunos do ensino médio de uma escola particular da cidade de Maceió. Buscou-se traduzir essa experiência para o contexto de processos relacionados com as juventudes e a escolarização, de tal maneira que foram envidados esforços no sentido de agrupar os vídeos analisados em categorias/narrativas a partir das quais foi possível tecer considerações acerca de temas que mobilizam interesses dos jovens no presente, tais como: músicas, esportes e viagens. Pergunta-se: De que forma esses temas se relacionam com a escola? Ao fim, restou a reflexão de que os educadores devem pensar sobre como a escola pode ser um espaço de socialização para os jovens no sentido de viabilizar de alguma forma a discussão de aspectos como os citados acima que correspondem a interesses capazes de mobilizar as juventudes para a consecução de projetos de vida de médio e longo prazos. **Palavras-chave:** Juventudes; Escolarização; Vídeos; YouTube. **Resumen:** En este trabajo se presentan los resultados preliminares de una actividad educativa que se utiliza de el YouTube para fomentar la creación y la difusión de vídeos sobre temas importantes para los jóvenes hechos por jóvenes estudiantes de secundaria de una escuela privada en la ciudad de Maceió. Hemos tratado de traducir esta experiencia en el contexto de los procesos relacionados con la juventud y la educación, por lo que se han realizado esfuerzos para agrupar los videos analizados en las categorías/narrativas desde los cuales fue posible proponer algunas consideraciones acerca de los

problemas que mobilizar a los intereses de los jóvenes en la actualidad, tales como música, deportes y viajar. La pregunta es: ¿Cómo estos problemas están relacionados con la escuela?

Al final, esta dada la reflexión de que los educadores deben pensar en cómo la escuela puede ser un espacio de socialización de los jóvenes para facilitar de alguna manera la discusión de temas tales como los mencionados anteriormente, correspondientes a los intereses capaces de movilizar a los jóvenes para lograr proyectos de vida de mediano y largo plazo. **Palabras clave:** Jóvenes; la educación; vídeos; YouTube.

1 Introdução Há uma inegável aceleração da revolução tecnológica que experimentamos nas últimas décadas. Nesse contexto, são os mais jovens que usam as redes sociais e as mídias como parte dos seus modos de vida. O que observamos entre os jovens é um prazer em transitar pelos mais diversos meios: computador, ipod, tecnologias em 3D entre outras ferramentas que levam a uma experiência de comunicação, divertimento, aprendizagem e socialização. Assim, se partimos do fato de que para Feixa (1999, p. 84) o conceito de culturas juvenis se refere “às maneiras por meio das quais as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre ou em espaços intersticiais da vida institucionalizada” não podemos de deixar de compreender as experiências juvenis mediadas pelas tecnologias digitais como uma das principais culturas em construção pela juventude no presente. Por outro lado, ainda de acordo com o referido autor, esta noção de culturas juvenis remete-nos invariavelmente à ideia de cultura subalterna própria dos setores dominados que se caracteriza por uma integração precária ao *status quo*, de tal sorte que podem sim alcançar níveis significativos de autonomia ao ponto mesmo de se desdobrar em aspectos ainda mais restritos, dando razão ao surgimento de “microsociedades juvenis” (FEIXA, 1999). Agora, é importante frisar que, ao se falar em subalternidade nesses casos, devemos afastar qualquer ideia pejorativa de inferioridade. Muito pelo contrário, não é disto que se trata. Na verdade, é o caso de pensarmos no potencial que se encerra em processos anti-hegemônicos vindo exatamente de sua integração parcial ao que está dado como padrão aceito pela maioria. Em outras palavras, o devir da natureza subalterna. É, pois, nesta originalidade e consequente certa inadequação que a novidade inaugurada por tais movimentos culturais subalternos pode representar algum ganho para a cultura em geral. Nesse sentido, permitam-nos a licença poética de trazer uma referência do romance “A mesa da ralé”, que tão bem traduz o que apenas alcançamos sugerir até aqui sobre as possibilidades implícitas na subalternidade:

Esta foi uma pequena lição que aprendi na viagem. *O que é interessante e relevante acontece em geral em segredo, em lugares onde não há gente poderosa.* Nada de valor duradouro ocorre na mesa principal, sustentada por uma retórica que todos conhecem bem. Os que já detêm poder continuam a

deslizar ao longo das linhas que previamente traçaram para si (ONDAATJE, 2014, grifos nossos). Com isso podemos ampliar nossa discussão ao considerar que mesmo sendo subalternas à cultura dos adultos ainda assim as formas de expressão que as juventudes lançam mão possuem a possibilidade de traçarem novas linhas de atuação e outras leituras do mundo exatamente porque se dão em “lugares onde não há gente poderosa” (op. cit.) e as coisas se conduzem um pouco mais horizontalizadas. Mas afinal, no mundo real, para além das mesas da classe turística do navio onde os personagens do romance citado acima tiravam proveito da invisibilidade de que gozavam, quais lugares seriam estes dos quais estamos falando?

Quer dizer, em quais espaços os jovens exerceriam afinal as possibilidades intrínsecas das culturas subalternas que forjam entre si?

Para nós e para muitos outros autores, a resposta mais nítida a esta problematização é que este espaço seja a internet. Com efeito, “a internet não é apenas uma ferramenta de comunicação e de busca, processamento e transmissão de informações que oferece alguns serviços extraordinários; ela constitui, além disso, um novo e complexo espaço global para a ação social e, por extensão, para o aprendizado e para a ação educacional” (COLL e MONEREO, 2010, p. 16). E no contexto dos usos que os jovens têm dado a este espaço destacamos as possibilidades de se “construir discussões, organizar seu tempo livre, aprender coisas novas” (APARICI, 2012, p. 7) dentre outras interações como aquelas que mais têm relação com processos educacionais. Até mesmo porque, a partir destes vínculos favorecidos pela internet, cada vez mais a cultura das redes têm adquirido relevância para o desenvolvimento de habilidades e competências comunicacionais no presente, o que tem sido especialmente explorado pelos jovens de tal maneira que em muitos campos de conhecimento eles já estão a ensinar aos adultos. De fato,

São os pais que começam a aprender com seus filhos, que constituem uma nova referência de autoridade, e deslocam de maneira pós-figurativa as fases e condições biográficas que definem o ciclo da vida, suprimindo a maior parte dos ritos de passagem que as dividem. Em nossa sociedade, esta modalidade de transmissão geracional se expressa, sobretudo, naquelas instituições como os meios de comunicação de massas, as novas tecnologias da informação, os novos movimentos sociais e as formas de

diversão digitais, nas quais as estruturas de autoridade entram em colapso, e nas quais as idades se convertem em referentes simbólicos indefinidos e sujeitos a constantes retroalimentações (FEIXA, 2003, p. 18). Como estamos argumentando, se existe um espaço em que os jovens hoje podem exercer “um paradigma solidário e colaborar em que cada um pode ser participante e coautor de todo o processo” (APARICI, 2012, p. 7) este espaço é a internet, onde os jovens dominam com facilidade a interação nas redes sociais, a criação e disseminação de vídeos, a busca por informações relacionadas aos seus interesses particulares, entre outras coisas que os habilitam, inclusive, a compartilharem estes saberes com membros de outras gerações. Dessa forma, não é de se estranhar tomarmos a internet enquanto espaço para processos de ensino e de aprendizagem. Na verdade, dentro dessa problematização que envolve tecnologia, comunicação e educação, Soares (2002) coloca esse campo de atuação denominado educocomunicação como algo amplo, bem estruturado, que visa criar um ambiente comunicacional em processos educacionais, presenciais ou não. E foi com esta compreensão em mente que nos propomos a estabelecer um ciclo de atividades com jovens alunos do ensino médio com o objetivo geral de fomentar usos pedagógicos da internet que, em nosso caso, se deu a partir da criação e disseminação de vídeos no YouTube, conforme proposta pedagógica que apresentamos logo a seguir e passamos a analisar posteriormente.

2 A proposta pedagógica de criar e publicar vídeos no YouTube e a mobilização dos jovens em torno dela

Inicialmente, a proposta pedagógica de se trabalhar com vídeos feitos pelos próprios alunos e a apropriação por parte deles de um canal no YouTube se deu a partir de observação em sala de aula, participação em debates e atividades extraclasse na turma do primeiro ano do ensino médio em uma escola particular da cidade de Maceió, Alagoas. Nestes momentos, percebemos pouco a pouco e a cada dia mais que os jovens alunos com os quais interagíamos queriam muito expor suas opiniões para um maior número de pessoas e tinham grande potencial para a articulação de ideias. Os jovens que participaram das atividades apresentadas neste trabalho nasceram inseridos no mundo multimidiático, cercados de imagens e estímulos. Sendo assim, nos colocamos diante deles enquanto professores que devem estar atentos a essas questões dentro daquilo que planejamos para as nossas atividades pedagógicas. Aqui, sempre tivemos em mente que ao propor

estas atividades de ensinar *a partir* da e *com* a internet que a construção do conhecimento é uma trajetória coletiva na qual o professor orienta, cria situações e auxilia o estudante, deixando de ser aquele “especialista” que transmite o saber e tem a solução de todos os problemas (PERRENOUD, 1999). Por isso, os docentes diante dos novos desdobramentos tecnológicos precisam cada vez mais entender que os processos educacionais ocorrem sem a presença deles como o “dono do palco”. Sobre essa associação dialógica Paulo Freire (1987, p. 13) destacou que “ninguém educa ninguém”, “ninguém educa a si mesmo”, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. Assim, a criação de um canal no YouTube com vídeos elaborados pelos próprios alunos foi uma opção metodológica para o presente estudo tendo em vista que essa estratégia permitiu, dentre outras coisas, favorecer ainda que os próprios estudantes questionassem qual o sentido pedagógico dos vídeos. De fato, ao longo das atividades da pesquisa não foi raro ouvir: “Qual a relação com a geografia” (a disciplina na qual as atividades de criação dos vídeos foram propostas), “Quem vai ver isso?”

” e a clássica “Vale nota?”

”. Todas essas indagações são muito válidas, acreditamos, pois aproximam o estudante do campo da didática, ainda que não seja conscientemente, o que nunca foi o objetivo das atividades; mas é inegável que isso os fez perceber sentidos *nos* e *dos saberes* e *fazer* dentro da escola. Sobre essa aproximação entre o que se vive e o que se aprende Perrenoud (2000, p. 158) nos fala:

O mundo do ensino, ao invés de estar sempre atrasado em relação a uma revolução tecnológica, poderia tomar a frente de uma demanda social orientada para a formação. Equipar e diversificar as escolas é bom, mas isso não dispensa uma política mais ambiciosa quanto as finalidades e as didáticas. Ainda dentro das possibilidades da metodologia usada, partimos do princípio que não escolheríamos um tema a ser gravado nos vídeos e nem faríamos uma associação com nenhum conteúdo da geografia, isso por sua vez, facilitaria no primeiro momento os adolescentes se sentirem mais à vontade para expor o que gostariam dentro das suas possibilidades. Em outras palavras, deixamos em aberto as temáticas possíveis para os vídeos como uma forma de mobilizar o máximo de alunos para a atividade. Neste ponto, quando falamos em mobilização estamos mesmo pensando nas reflexões que Charlot (2005) nos convida a fazer no sentido de

compreendermos melhor como os jovens de hoje se relacionam com o saber, o que os motivam a estudar. Ou seja, ao não determinarmos sobre quais temas os vídeos produzidos deveriam se ocupar de alguma forma perguntamos aos participantes: O que no presente está mobilizando o interesse de vocês em termos de aprendizagem. Dessa forma, o que fazemos na continuidade do texto é exatamente analisar os resultados obtidos ao longo desta proposta pedagógica. Para fins de organização das análises efetuadas, agrupamos a produção dos jovens em categorias a partir de temas em comum verificados entre os vídeos produzidos por eles produzidos e veiculados no YouTube. **3 Quando jovens “ensinam” coisas sobre as juventudes no YouTube** Após a entrega dos vídeos pelos estudantes através de um grupo no whatsapp, percebeu-se uma preocupação com elementos que não foram cobrados como: edição, figurino, roteiro. Foram tratados diversos assuntos: esportes, músicas, cotidiano dos jovens, homofobia. Com isso, eles mesmos aplicaram uma metodologia própria aquele ambiente reconhecidamente “didático”. Observamos que nossos jovens com toda essa “vivacidade” característica estão constantemente exigindo uma postura diferente da escola, o velho ambiente de ensino em que o professor apenas “transmite” conhecimentos já não é mais aceito pelos jovens. Eles exigem mais interação e participação, além de aulas que façam sentido e deem alguma alegria a quem aprende. Sobre essa constatação, Moran (1998, p.19) diz que...

A construção do conhecimento, a partir do processamento multimídico é mais “livre”, menos rígido, com conexões mais abertas, que passam pelo sensorial, pelo emocional e pela organização provisória, que se modifica com facilidade, que cria convergências e divergências instantâneas, que precisa de processamento múltiplo instantâneo e de resposta imediata. Assim, não chegou a ser uma surpresa o fato de muitos jovens da escola em que propomos esta atividade terem aderido com entusiasmo ao desafio de criarem e publicarem vídeos no YouTube sobre aspectos das suas vidas, independentemente de qualquer conteúdo das disciplinas da escola. O resultado parcial desta mobilização dos jovens alunos é um total de 5 (cinco) vídeos que contaram com a participação efetiva de pelo menos 15 (quinze) jovens em suas produções. Os referidos vídeos foram agrupados em categorias de análise que nos inspiraram algumas narrativas. quais

sejam: a) Categoria "O que as músicas que os jovens ouvem nos dizem acerca da vida deles?

" a partir dos vídeos "Uma palavra, uma música + Indicações de músicas"[i] e "Top Five: Minhas músicas preferidas"[ii]; b) Categoria "Esportes, sim! Aulas, não?

" a partir dos vídeos "Futebol 7 rodada brasileiro e etc"[iii] e "Avonts com Nós! Falando de Esporte"[iv] e c) Categoria "'Eu viajaria o mundo! Se...!' Sobre o que os jovens gostariam de fazer, mas não podem" a partir do vídeo "Diversão off-line: Perguntas"[v]. Diante dos desdobramentos da atividade representados pelos vídeos acima, podemos refletir, dentre outras coisas, sobre os saberes que os jovens demonstraram ter e que os habilitariam, ao nosso ver, a "dar aula" no YouTube acerca de dimensões importantes da vida deles mesmos jovens que, em geral, se interessam sobre música, esportes e lazer, por exemplo, mas também em relação ao domínio que tais jovens tem das linguagens promovidas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) (FEIXA, 2003). Afinal, em todos os vídeos descritos acima é possível constatar uma qualidade edição das imagens que não deixa muito a desejar em relação a trabalhos profissionais. Nesse sentido, sem dúvida alguma, esses jovens "dão aula" aos adultos. Ou seja, são habilidades demonstradas por esses jovens que nos ajudam a afastar a noção tradicional de que eles são tão somente receptores de saberes de quem deteria o conhecimento (os professores, os pais, os adultos). Muito pelo contrário, os resultados que obtivemos nos apontam para a necessidade de valorizar tais saberes e muitos outros que os jovens possuem e que vão muito além dos conhecimentos institucionalizados pelo currículo das escolas. Foi, portanto, com a intenção de empreender esta valorização desde já que na sequência optamos por agrupar os vídeos relacionados acima em categorias que nos permitiram tecer narrativas que os conectam e nos ajudam a pensar em questões que ampliam o debate sobre as culturas juvenis e a escolarização. **3.1 O que as músicas que os jovens ouvem nos dizem acerca da vida deles?**

Dois dos cinco vídeos produzidos pelos jovens participantes da pesquisa trataram de gostos musicais comuns à juventude atualmente. No vídeo "Uma palavra, uma música + Indicações de músicas", por

exemplo, a partir de uma brincadeira que consistia em citar uma música a partir de uma palavra sorteada acabamos por conhecer exemplos de canções que fazem parte do repertório mental de quatro jovens que participam da brincadeira que foi gravada. A seguir transcrevemos a parte do vídeo em que a brincadeira já está em curso e algumas palavras foram sorteadas, com a consequente reação das jovens participantes.

Jovem1[vi]: Nervosa!

Jovem2: Cabelo! [Primeira palavra sorteada]

Jovem1: Meu cabelo duro é assim!

Várias: Cabelo duro, de pixaim! [Risos...]

Jovem2: Só?

(...)

Jovem3: Hoje é festa lá no meu apê...

Jovem1: Aaaahhh, tem que falar a palavra antes.

Jovem3: Ai, foi mal [Risos nervosos].

Jovem1: Tem que ler.

Jovem3: Desculpa!

Jovem1: "Recalque"... Beijinho no ombro...

Várias: Que o recalque passa longe!

Jovem2: É uma bosta esse vídeo.

Jovem1: Risos.

(...)

Jovem2: "Facebook".

Jovem1: Oxe!

Jovem4: Aquela!

Jovem1: 24 horas por dia...

Jovem3: Não, não, não...

Jovem1: Fala de mim, pensa em mim.

Jovem3: Deixa ela passar, não olha...

Jovem1: Não, essa do Facebook tem!

Jovem3: Sim, quando?

Ela não anda...

Jovem1: Ela desfila... Pera, como é?

Jovem3: Ela arrasa no nude, tira foto no espelho pra postar no Facebook!

Transcrição de parte do vídeo "Uma palavra, uma música + Indicações de músicas".

Disponível em:

<[https://www.](https://www.youtube.com/watch?v=tUzi2iGzzPc&feature=youtu.be)

[youtube.com](https://www.youtube.com/watch?v=tUzi2iGzzPc&feature=youtu.be)

[/watch?](https://www.youtube.com/watch?v=tUzi2iGzzPc&feature=youtu.be)

[v=tUzi2iGzzPc&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=tUzi2iGzzPc&feature=youtu.be)>.

Acesso em: 28 jun. 2016. Nos diálogos acima podemos constatar que as músicas mencionadas pelas jovens são bem contemporâneas, com exceção apenas do clássico carnavalesco "Meu cabelo duro é assim" já há muito tempo conhecido que talvez tenha sido rememorada apenas pela dificuldade levantada pela palavra "cabelo" sorteada logo no começo da brincadeira. As demais canções lembradas pelas meninas nos dão conta de aspectos importantes para os jovens hoje em dia, quais sejam: a) a noção de independência em relação à opinião de terceiros sobre a sua vida, expressa pelo "beijinho no ombro" da canção lembrada pela palavra "recalque" e b) as novas dinâmicas de relacionamentos virtuais estabelecidos nas e/ou a partir das redes sociais como o Facebook. Já no vídeo "Top five: Minhas músicas preferidas!" duas garotas simplesmente indicam quais são as cinco músicas que elas mais gostam, apresentando para o público as razões que as motivaram a selecionar cada uma das canções. É interessante notar como a proposta do vídeo se assemelha com programas muito comumente

direcionado aos jovens no sentido de dar visibilidade a tendências que os mais “antenados” não poderiam deixar de curtir no momento. A seguir, a descrição do vídeo em questão.

Vários: Oi, bem-vindo ao nosso canal!

Jovem1: Em nosso primeiro vídeo vamos falar sobre nossas cinco músicas preferidas!

Jovem2: A nossa quinta música não é lançamento, mas também não é antiga. Ainda está tocando nas rádios. Entendeu, gente?

Entendeu não foi?

Jovem1: Ela tem várias visualiza... Visualização, visualizações. Risos.

Jovem2: É resenha, deixa, vai! Fala!

Jovem1: Ela tem várias visualizações e o Drake continua arrasando.

Jovem2: Arrasando!

[Inserção de videoclipe de Hotline bling, de Drake]

Jovem2: A música que está em quarto lugar está abrindo um espaço (sic) e está vencendo os preconceitos.

Jovem1: É um funk que não é tão pesado e é disponível para todas as idades.

[Inserção de videoclipe de Tudo de bom, de MC Livinho]

Jovem2: A música que está em terceiro lugar não é tão antiga, mas também não é um rock tão pesado.

Jovem1: A banda Evanescence é uma banda antiga que vai do metal ao melody e as músicas são ótimas, maravilhosas.

[Inserção de videoclipe de Bring me to life, de Evanescence]

Jovem2: A música que está em segundo lugar é uma música da Rihanna que todo mundo gosta de escutar e curtir muito. Só é deixar o clique lá!

Jovem1: Ela fez junto com o Drake e não há pessoa no mundo que quando escute essa música não dê vontade de dançar!

[Inserção de videoclipe de Work, de Rihanna]

Jovem2: A música que está um primeiro lugar você já ouviu ou ainda vai ouvir quando você chegar lá no palco só vai dar vontade de arrasar dançando o Taca Taca.

Jovem1: E é um funk que você vai ouvir e não vai conseguir ficar parado. Vai ficar na sua cabeça, de certeza!

[Inserção de videoclipe de Bumbum granada, de MC Zaac e Jerry]

Jovem2: Esse canal é feito por um grupo que com certeza nas outras semanas vai vim umas outras pessoas novas.

Jovem1: Dá um like aí gente! Compartilha pra geral. E se inscreve aí no nosso canal!

Transcrição do vídeo "Top Five: Minhas músicas preferidas".

Disponível em:

<[https://www.](https://www.youtube.com/watch?v=7GZAGyw5nUs&feature=youtu.be)

[youtube.com](https://www.youtube.com/watch?v=7GZAGyw5nUs&feature=youtu.be)

[/watch?](https://www.youtube.com/watch?v=7GZAGyw5nUs&feature=youtu.be)

[v=7GZAGyw5nUs&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=7GZAGyw5nUs&feature=youtu.be)>.

Acesso em: 28 jun. 2016. Neste vídeo, observamos uma grande habilidade comunicacional das garotas envolvidas em sua produção para apresentar as suas canções favoritas ao mesmo tempo em que empreendem uma certa crítica acerca dos estilosos musicais que as tocam de alguma maneira enquanto jovens que são. Neste caso, além de músicas brasileiras estarem em posições de destaque, como o primeiro lugar dado ao funk "Bumbum granada" dos MC Zaac e Jerry vemos também despontando na seleção várias músicas internacionais de artistas globalmente famosos. Todas as músicas deste vídeo são dançantes, com exceção ao rock da banda Evanescence. Mas, afinal de contas, o que podemos "aprender" sobre as vidas dos jovens com estas músicas?

Esta foi a questão que nos atravessou ao vermos e revermos estes dois vídeos. Que eles dialogam entre si é muito óbvio e a possibilidade de agrupá-los para tecer uma narrativa a partir desta questão pareceu-nos igualmente evidente desde o princípio. O desafio, neste caso, foi tentar

inferir qualquer coisa acerca da vida das jovens que participaram dos vídeos a partir de seus gostos musicais sem com isso ir longe demais na tarefa a que colocamos desde então. Assim, com todas as ressalvas possíveis para este tipo de análise não nos furtamos de pensar que estas músicas podem sim indicar pistas de como essas jovens vivem ou almejam viver suas juventudes. Desejos, poder, amizades virtuais ou não são alguns dos principais elementos que povoam as canções citadas e nós nos parece razoável supor que estes aspectos mobilizaram a criatividade das jovens envolvidas com a produção desses vídeos não por acaso. Na verdade, eles são aspectos cruciais para compreendermos como estas jovens se situam enquanto sujeitos sociais e tecem relações com as formas de ser e estar no mundo a partir também de suas experiências culturais, feito a música e a dança. **3.2 Esportes, sim! Aulas, não?**

Em outros dois vídeos sobre esporte há uma percepção sobre o atual desenvolvimento da seleção brasileira de futebol e os baixos rendimentos por ela apresentados. Além de tecerem comentários sobre o técnico da seleção os jovens ainda conseguem discutir o que acreditam ser um bom futebol e isso passa pelo entendimento que é necessário uma nova diretoria e organização. Chama a atenção em um dos vídeos eles intitularem o canal como “esporte show”, além da preocupação em exibir os gols da rodada do brasileiro. É o que vemos na transcrição a seguir.

Jovem1: Olá gente, meu nome é Ewerton

Jovem2: Oi, meu nome é Gabriel. A gente vai começar aqui o primeiro vídeo do nosso canal Esporte show. Roda a vinheta moleque!

[Inserção de videoclipe com gols da rodada]

Jovem2: E agora os gols da zuera da sétima rodada.

Transcrição de parte do vídeo “Futebol 7 rodada brasileiro e etc”.

Disponível em:

<[https://www.](https://www.youtube.com/watch?v=TJIXuXmksT4&feature=youtu.be)

[youtube.com](https://www.youtube.com/watch?v=TJIXuXmksT4&feature=youtu.be)

[/watch?](https://www.youtube.com/watch?v=TJIXuXmksT4&feature=youtu.be)

[v=TJIXuXmksT4&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=TJIXuXmksT4&feature=youtu.be)>.

Acesso em: 28 jun. 2016. Outro ponto essencial foi em um dos vídeos

apresentar o modelo dos jovens como comentaristas, onde aparece a voz de uma estudante que seria a apresentadora fazendo perguntas para aqueles que iam opinar sobre sua visão de futebol para o Brasil. Toda essa constatação leva-nos a crer que o discurso estava orientado à trazer informações ao telespectador de maneira descontraída, usando de elementos de linguagem característicos dos adolescentes.

Apresentadora: Vamos conversar sobre esportes agora. O que vocês acharam da seleção ser eliminada da copa América?

Jovem1: Mano, em um grupo onde tem Haiti e Equador?

!

Jovem2: É uma vergonha!

Jovem1: Era pra ficar em primeiro.

Jovem2: Em primeiro, com certeza, deu de 7 a 1 no Haiti e depois fez essa vergonha.

Jovem1: Que vergonha!

Jovem2: O que você acha Vitor?

Jovem3: Muita vergonha. Tenso! Eu não gostaria que o Brasil estivesse nisso, pra mim, sabe qual é meu time: Meu time é Colômbia cara.

Transcrição de parte do vídeo "Avonts com Nós! Falando de Esporte".

Disponível em:

<[https://www.](https://www.youtube.com/watch?v=yUz3YFnXFhY&feature=youtu.be)

[youtube.com](https://www.youtube.com/watch?v=yUz3YFnXFhY&feature=youtu.be)

[/watch?](https://www.youtube.com/watch?v=yUz3YFnXFhY&feature=youtu.be)

[v=yUz3YFnXFhY&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=yUz3YFnXFhY&feature=youtu.be)>.

Acesso em: 28 jun. 2016. Nesse último vídeo, por sinal, quando a entrevista avança e os jovens são perguntados sobre quais as expectativas deles em relação aos Jogos Olímpicos 2016 no Rio de Janeiro o que nos chama atenção é o fato de que o aspecto mais positivo dos jogos destacados pelos jovens está relacionado com não terem aulas durante as olimpíadas, o que foi efusivamente comemorado por todos em cena. O que isso nos diz acerca da relação desses jovens com a escola?

(CHARLOT, 2005) Esporte, sim! Aulas, não?

Por que há essa alegria tão evidente diante do fato de não ter aulas durante os jogos olímpicos?

Essa pergunta é sim retórica porque a resposta muitos de nós já sabemos e diz respeito a uma estrutura escolar que não consegue estabelecer relações prazerosas para os processos de educacionais que se dão entre as suas paredes. A escola pouco se adaptou aos jovens do século XXI e continua a reproduzir discursos e práticas tradicionais que quase nada dizem mais aos jovens atuais. **3.3 “Eu viajaria o mundo! Se...” Sobre o que os jovens**

gostariam de fazer, mas não podem

Jovem2: Como você se diverte off-line?

Jovem1: Lendo, andando de skate e tocando violão.

Jovem2: Eu também gosto de ler, ir ao cinema e andar de bicicleta.

Jovem3: Eu gosto de ver filmes, ir ao cinema, parques de diversão, essas coisas.

Jovem4: Eu adoro andar de patins, ir para festas, fazer compras e é só isso.

Jovem2: Qual seu passatempo favorito?

Jovem1: Só ler.

Jovem2: O meu também é ler.

Jovem3: O meu é ver séries e filmes.

Jovem4: Me encontrar com as amigas no shopping, na praia.

[...]

Jovem2: O que você gostaria de fazer só que não pode?

Sua família não deixa, é proibido...

Jovem1: Rodar o mundo, pô! Rodar o mundo se eu tivesse dinheiro!

Jovem2: Saltar de paraquedas.

Jovem3: Eu queria também conhecer tudo, viajar o mundo.

Jovem4: *Bunqee jump!*

Jovem1: O nosso vídeo foi curto, porque né?

Jovem2: Mas o próximo...

Jovem1: Vamos fazer bem melhor para compensar esse daqui...

Vários: Tchau, tchau, beijos...

Transcrição de parte do vídeo "Diversão off-line: Perguntas".

Disponível em:

<[https://www.](https://www.youtube.com/watch?v=cmhV7ZdB610&feature=youtu.be)

[youtube.com](https://www.youtube.com/watch?v=cmhV7ZdB610&feature=youtu.be)

[/watch?](https://www.youtube.com/watch?v=cmhV7ZdB610&feature=youtu.be)

[v=cmhV7ZdB610&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=cmhV7ZdB610&feature=youtu.be)>.

Acesso em: 28 jun. 2016. O último dos vídeos que resta ser analisado deu origem a esta categoria a parte porque ele é o único que trata de questões bem diversificadas em relação ao dia a dia dos próprios jovens que participam da produção. A dinâmica do vídeo é de perguntas e respostas. As perguntas são realizadas pela jovem que também responde aos questionamentos seguindo uma ordem estabelecida pela disposição que as participantes do vídeo se encontram lado a lado. As primeiras perguntas "obedecem" ao roteiro previsto para um vídeo intitulado como "Diversão off-line: Perguntas" e tratam basicamente de formas como elas se divertem em seu tempo "off-line". Aqui, talvez o mais importante não seja nem mesmo as respostas, mas o simples fato das jovens reconhecerem que existe esse tempo "off-line" e que ele precisa ser "ocupado" por algum tipo de atividade como ler, andar de skate. Por outro lado, nada se fala do tempo "on-line". Por quê?

Este tempo não precisa ser ocupado?

É o que parece estar subentendido. Algo como se a diversão que se tem na internet já está dada, sendo de natureza certa. Será?

Acreditamos, de fato, que este tipo de problematização dos usos que os jovens fazem do tempo que estão conectados merece a atenção dos educadores e das famílias, naturalmente. Como foi dito, as primeiras perguntas obedeceram ao que se esperava do vídeo a partir do título que o mesmo traz. A novidade mesmo, em nossa opinião, emerge com a última pergunta, um tanto quanto provocadora: "O que você gostaria de fazer só

que não pode?

Sua família não deixa, é proibido...” As respostas brotaram de forma espontânea quase ao mesmo tempo, sendo que a principal delas foi que viajariam o mundo, se pudessem. Foi aí que pensamos no que é ser jovem para essas garotas dentro da realidade em que vivem e no que seria ser jovem se elas “pudessem”, ou seja, se elas tivessem condições econômicas de exercer a sua juventude plenamente. Estamos convencidos, e isso está claro, que ser jovem para estas garotas não é exatamente o que elas sonham em termos de juventude. Afinal, não é todo dia de pulamos de *bungee jump* nem conhece diferentes países ao redor do mundo vivenciando trocas culturais em intercâmbios variados. Definitivamente, não é essa a tradução de ser jovem para estas garotas, mas isso não significa dizer que elas não pensem nisso e de que estas perspectivas mobilizem de alguma forma seus planos de vida. Muito pelo contrário, certamente são esses sonhos “proibidos” ou “impedidos” pelas circunstâncias do presente que podem servir de base para essas jovens se engajarem em dinâmicas que as ajudem a torná-los realidade. E onde a escola entra nisso tudo?

Talvez a questão seja nos perguntarmos se, de fato, estamos atentos na escola a pensar os alunos para além desta categoria de “aluno” que atribui invisibilidade dentre outras coisas ao fato de que essas jovens pessoas são sujeitos com vontades e planos os mais insuspeitos que possamos imaginar (SACRISTÁN, 2005). Neste vídeo, por exemplo, tivemos contatos com alguns destes sonhos e eles já nos dizem muito das constantes negociações que a juventude opera dia a dia entre o que podem ser enquanto jovens e o que realmente seriam se as possibilidades da juventude não estivessem interditas por fatores que extrapolam seus domínios. **4 Considerações finais** Neste trabalho apresentamos resultados preliminares de uma proposta de atividade pedagógica de uso do YouTube para estimular a criação e disseminação de vídeos sobre temas importantes para a juventude feitos por jovens alunos do ensino médio de uma escola particular da cidade de Maceió. Dentre tais resultados, obtivemos cinco vídeos elaborados por grupos de jovens participantes da pesquisa que se encontram atualmente disponíveis no YouTube. Aqui, buscamos traduzir essa experiência para o contexto de processos relacionados com as juventudes e a escolarização, de tal maneira que envidamos esforços no sentido de agrupar os vídeos analisados em categorias/narrativas que nos ajudaram a tecer

considerações acerca de temas que mobilizam interesses dos jovens no presente, tais como: músicas, esportes e viagens. De que forma esses temas se relacionam com a escola?

Esperamos ter apontado algumas dessas possibilidades. Ao fim desta experiência pedagógica e de pesquisa, acreditamos que nos resta enquanto educadores pensar sobre como a escola pode ser um espaço de socialização para esses jovens no sentido de viabilizar de alguma forma a discussão de aspectos como os citados acima que corresponderiam, em muitos casos, a interesses capazes de mobilizar as juventudes para a consecução de projetos de vida de médio e longo prazos.

5 Referências APARICI, R. Introdução: Conectividade no ciberespaço. In: _____ (Org.). **Conectados no ciberespaço**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 5-22. COLL, C.; MONEREO, C. Educação e aprendizagem no século XXI: Novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: _____ (Org.). **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 15-46. CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005. FEIXA, C. Del reloj de arena al reloj digital: Sobre las temporalidades juveniles. **Jovenes, Revista de Estudios sobre Juventud**, México, ano 7, n. 19, p. 6-27, jul./dez. 2003. _____. **De jóvenes, bandos e tribus: Antropología de la juventud**. Barcelona: Ed. Arrel S.A., 1999. FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRES, M. **Novas tecnologias e Mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2009. P. 11-65.

Disponível em:

[http// www.](http://www.eca.usp.br)

[eca.usp.br](http://www.eca.usp.br)

[/pro/moran/tec.htm](http://www.eca.usp.br/pro/moran/tec.htm)

.

Acesso em: 27 jun. 2016. PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000. _____. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999. ONDAATJE, M. **A mesa da ralé**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. SACRISTÁN, J. G. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005. SOARES, I. O.

Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

[iii] Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tUzi2iGzzPc&feature=youtu.be>>.

youtube.com

/watch?

v=tUzi2iGzzPc&feature=youtu.be>.

Acesso em: 28 jun. 2016. [iv] Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7GZAGyw5nUs&feature=youtu.be>>.

youtube.com

/watch?

v=7GZAGyw5nUs&feature=youtu.be>.

Acesso em: 28 jun. 2016. [v] Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TJIXuXmksT4&feature=youtu.be>>.

youtube.com

/watch?

v=TJIXuXmksT4&feature=youtu.be>.

Acesso em: 28 jun. 2016. [vi] Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yUz3YFnXFhY&feature=youtu.be>>.

youtube.com

/watch?

v=yUz3YFnXFhY&feature=youtu.be>.

Acesso em: 28 jun. 2016. [vii] Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cmhV7ZdB610&feature=youtu.be>>.

youtube.com

/watch?

v=cmhV7ZdB610&feature=youtu.be>.

Acesso em: 28 jun. 2016. [viii] A denominação “jovem” seguida de um numeral que indica a ordem de aparição nos referidos vídeos foi a maneira que escolhemos seguir para não identificar os participantes da pesquisa. Assim, é conveniente informar que para cada vídeo foram adotados os mesmos critérios, de tal sorte que o Jovem1 de um vídeo não é o mesmo que o Jovem1 de outro.

[i] Professor, Prefeitura Municipal de Atalaia e rede privada em Maceió. Especialista em Gestão Educacional e Coordenação Pedagógica. E-mail: leandrogeoalagoas@gmail.com

. [ii] Biólogo, Museu de História Natural (UFAL). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM/UFAL). E-mail: carloscorreia1986@gmail.com

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: